

Olhem minhas mãos e meus pés! Toquem-me!

(Lc 24,39)

Fr. Moacir Casagrande - OFMcap

Ir. Zenilda Luzia Petry - IFSJ

Este artigo está em continuidade com o artigo de preparação da XXIII Assembleia Geral Eletiva¹, *Permanece Conosco*, que se refere à experiência de Emaús. Lá, os discípulos, embora instruídos nas Escrituras, só reconheceram Jesus ressuscitado depois que ele abençoou e partiu o pão. Mas, em seguida, em Jerusalém, um novo reconhecimento se fez necessário. Alguma coisa não funcionou, pois novamente Jesus aparece e a incompreensão prevalece. Em Jerusalém Jesus muda de estratégia. Encontra-se com eles desejando a Paz (24,36) e provocando o contato com a pessoa dele: *Olhai as minhas mãos e os meus pés... Tocai-me...* (24,39), pede algo para comer (24,41). Só depois explica as Escrituras. Por que os discípulos têm tamanha dificuldade de reconhecê-lo? Buscaremos uma resposta no texto.

Crer no ressuscitado constitui-se numa difícil experiência, que só pode ser captada a partir da fé que o próprio Jesus desperta em nós. Se não se tocar as mãos e os pés de Jesus, ou seja, se não se fizer uma experiência de adesão à pessoa dele e seu projeto, se não houver a alegria profunda, fruto daquele encontro pessoal, a ressurreição permanece um anúncio que soa como "desvario". Jesus, após sua ressurreição, sem bater, sem atravessar a porta, "se apresenta", manifesta-se corporalmente. Mostra suas mãos e seus pés. Mãos que operaram milagres, que tocaram em pessoas e situações, que revelaram o rosto misericordioso de Deus. Pés de um pregador itinerante, de um missionário incansável. Tanto as mãos quanto os pés do ressuscitado estão marcadas pelo que ele realizou na história. O que prova sua autenticidade e, em tese, favorece o seu reconhecimento.

Lucas nos brinda, mais que seus colegas evangelistas, com um trabalho mais intenso de reconhecimento do Jesus pós-pascal. Em seu vigésimo quarto capítulo, ele nos oferece uma progressiva e repetida oportunidade de abrir os olhos, de entender as Escrituras, acolher a parte mais original da Boa Notícia, aderir a Jesus e compartilhar sua missão.

1 - **No contexto.** Lucas apresenta Jesus como o homem do Caminho. Este caminho de fidelidade ao Pai desemboca na paixão, morte e ressurreição. A paixão foi triplamente anunciada ao longo do Caminho (Lc 9,22.44; 18,31-34) e reforçada após a última ceia (22,37). A ressurreição também é triplamente retomada no anúncio pós-pascal (Lc 24,6-7.26-27.44-47). Primeiro, com as discípulas, mulheres, que procuram seu corpo (24,1-12). Depois, com os dois

¹ Assembleia da CRB nacional acontecida em 15 a 19 de julho de 2013 em Brasília.

discípulos que se afastam para Emaús (24,13-35). Por fim, com todos, reunidos na encruzilhada do entendimento, em Jerusalém (24,36-43). Observa-se que a primeira e terceira aparições se dão em Jerusalém enquanto a segunda acontece em Emaús.

2 - **A narrativa.** A terceira narrativa da aparição de Cristo ressuscitado, em Lucas, tem lugar em Jerusalém, na noite seguida da descoberta do túmulo vazio, imediatamente após o retorno dos discípulos de Emaús e da narração de sua experiência. Nela, Cristo se apresenta ao núcleo da comunidade cristã, na *casa-igreja* onde seus seguidores estão juntos e reunidos, mas confusos, desnorteados, espantados e incrédulos (24,36-43). Na verdade, este episódio prepara o próximo em que Cristo ressuscitado instrui os Onze e os demais, sobre as Escrituras e os encarrega de serem testemunhas. Para passar de seguidores de Jesus a enviados de Jesus, é necessário superar o impacto da morte e assimilar a ressurreição.

Depois da visita das mulheres e de Pedro ao túmulo vazio, Lucas adiciona mais notas sobre a aparição de Cristo ressuscitado. Nos episódios seguintes, uma aparição é apenas citada (24,34), duas são narradas. Uma, o episódio de Emaús (24,13-35) narrado de modo extenso e dramático. Outra, mais ou menos extensa (24,36-53), está subdividida em três: a) aparição aos Onze e outros (24,36-43); b) entrega da missão: serem testemunhas de Cristo (24,44-49); c) ascensão: os conduz para fora de Betânia (24,50-53).

Embora contenha vários episódios, esta narrativa (Lc 24,36-52) se constitui numa unidade literária, pois a confusão do verso 37 só será totalmente resolvida no verso 52 quando eles, finalmente, o adoram. A divisão em três episódios facilita o entendimento de todo o seu conjunto, como veremos mais adiante.

3 – **Emaús e Jerusalém.** Comparando a segunda e a terceira narrativa, observa-se uma sequência de paralelos que revelam certamente uma intencionalidade de Lucas².

a) Elementos que evidenciam um paralelo entre as duas narrativas:

A situação. Os discípulos estão conversando com os dois que acabaram de voltar de Emaús (24,36a); os discípulos estavam conversando entre si indo para Emaús (24,14-15a).

A aparição. “*Se fez presente no meio deles*” (24,36b); em Emaús “*os alcançou e caminhava com eles*” (24,15b).

² Uma das características do estilo literário de Lucas são as construções paralelas, presentes em todo o Evangelho. Narra, por exemplo, duas anunciações: a Zacarias e a Maria (1,5-23); dois cantos: de Maria e de Zacarias (1,46-56. 67-79); duas ressurreições: a do servo do centurião (7,1-10) e do filho único de mãe viúva (7,11-17) e diversos outros. Suspeita-se aqui que a narrativa aparição em Jerusalém esteja em paralelo com a dos discípulos de Emaús, buscando talvez corrigir ou ampliar a compreensão, a experiência e a fé no ressuscitado.

A saudação. *"A paz esteja convosco!"* (24,36c); em Emaús *"Que palavras são estas que estais trocando pelo caminho?"* (24,17).

As reações e o reconhecimento. Primeiro, aparece o medo, espanto e confusão (24,37-38). Depois, a alegria misturada com incredulidade (24,41). Finalmente, a adoração (24,52). Em Emaús, primeiro o espanto de encontrar um peregrino por fora dos grandes acontecimentos (24,18); depois, o convite para permanecer (24,29) e, finalmente, seus olhos se abrem e o reconhecem ao partir do pão (24,31).

A repreensão. *"Por que esta perturbação e estas dúvidas em vossos corações"* (24,38)? Em Emaús: *"Espíritos sem inteligência, corações tardos para crer em tudo o que os profetas declararam"* (24,24)

A explicação das Escrituras. *"Eis as palavras que eu vos disse... Então lhes abriu as Escrituras"* (24,44-47). Em Emaús: *"Não era preciso que Cristo sofresse... Começando por Moisés explicou-lhes, em todas as escrituras o que lhes concernia"* (24,26-27).

b) **Paralelos com diferenças.** Em ambas há:

- falta de entendimento (24,16-18 e 37-40), sendo que, em Emaús, a falta de entendimento está focada na morte desastrosa, enquanto em Jerusalém está na visão assombrosa.

- uma instrução baseada nas Escrituras (24,25-27 e 44-47) sendo que, em Emaús, eles são primeiro repreendidos, depois instruídos. Em Jerusalém, eles são convocados à memória e depois instruídos mais detalhadamente.

- refeição (24,28-30 e 41-43) sendo que, em Jerusalém, a refeição vem no início e, em Emaús, vem no final.

- partida, desaparecimento (24,31 e 50-51), sendo que, em Emaús, acontece repentinamente. Em Jerusalém, é anunciada, preparada e contemplada.

A maior diferença entre as duas narrativas é a missão dada aos Onze e demais (24,48-48). Enquanto, em Emaús, os próprios discípulos tomam iniciativa de buscar os demais, aqui é Jesus que os encarrega de ir, de testemunhar, oferecer a Boa Notícia a todas as nações (24,47). É Jesus também que os leva para fora da cidade para que possam contemplar a nova realidade: a ascensão do ressuscitado. Eles não são testemunhas da vinda. Dela, só Maria é, mas eles têm a missão de testemunhar a presença e a volta.

Outra diferença digna de nota é que aqui Jesus os tira fora de Jerusalém para contemplar sua ascensão (24,50), enquanto, em Emaús, eles, por própria iniciativa, correm para Jerusalém a fim de partilhar com os demais do grupo o seu encontro com aquele que caminhou com eles (24,33). A certeza da ressurreição leva ao engajamento na missão.

Podemos apresentar os dois textos esquematicamente:

a) Paralelos:

	Lc 24,13-35	Lc 24, 36- 52
A situação	Os dois conversam enquanto caminham.	Estão conversando com os dois.
A aparição	<i>Os alcançou e caminhava com eles" (24,15b).</i>	<i>Se fez presente no meio deles" (24,36b),</i>
A saudação	<i>Que palavras são estas que estais trocando pelo caminho?</i>	<i>"A paz esteja convosco!" (24,36c).</i>
As reações e o reconhecimento	Espanto (24,18), convite para permanecer (24,29); seus olhos se abrem e o reconhecem ao partir do pão (24,31).	Medo, espanto e confusão (24,37-38), alegria misturada com incredulidade (24,41). Finalmente, a adoração (24,52).
A repreensão	<i>Espíritos sem inteligência, corações tardos para crer em tudo o que os profetas declararam" (24,24).</i>	<i>Por que esta perturbação e estas dúvidas em vossos corações" (24,38)?</i>
A explicação das Escrituras.	<i>Não era preciso que Cristo sofresse...Começando por Moisés, explicou-lhes, em todas as escrituras, o que lhes concernia".</i>	<i>Eis as palavras que eu vos disse... Então lhes abriu as Escrituras".</i>

b) Em paralelo, mas com diferenças:

	Lc 24,13-35	Lc 24,36-52
Entendimento	Falta de entendimento, focada na morte desastrosa.	Falta de entendimento, focada na visão espantosa.
Instrução	A partir das Escrituras, primeiro repreendidos, depois instruídos.	A partir das Escrituras, convocados à memória e instruídos.
Refeição	Feita no final da caminhada.	Feita no início do encontro.
Desaparecimento	Repentinament e	Anunciado, preparado, contemplado.
Missão	Os discípulos	Jesus encarrega de ir e

	voltam e buscam os demais.	anunciar a todas as nações.
Jerusalém	Os discípulos voltam para Jerusalém.	Jesus tira os discípulos de Jerusalém.

Todos estes dados podem significar alargamento de horizontes, um passo a mais em relação à Emaús que Lucas nos quer brindar.

Algumas possíveis provocações que nascem deste paralelo: Estaria Lucas como que corrigindo ou ampliando a experiência dos discípulos de Emaús? Por que Lucas afirma que Jesus parte o pão e desapareceu? O que isto significa? Por que tendo reconhecido Jesus em Emaús, ficam confusos e espantados com a nova aparição em Jerusalém? O que é mesmo necessário para reconhecer Jesus em qualquer situação? Será mesmo que a Eucaristia (escutar a Palavra e partir o pão) assegura à VRC esse reconhecimento? Sabemos que a Eucaristia constitui o ápice da vida cristã. Quando mesmo, em nossa prática, a Eucaristia se torna ápice?

4 – **Vertentes a destacar em Lc 24,36-52 e possíveis luzes para a VRC**

Lucas trabalha a narrativa em algumas vertentes que podem ser assim observadas:

I) Reações dos discípulos.

Diante do Cristo ressuscitado eles estão aterrorizados, espantados, perturbados, cheios de dúvidas e incrédulos. É uma mistura de sentimentos difícil de lidar. Que eles estejam assim, confundindo Jesus com um espírito-fantasma, é compreensível num primeiro momento, mas estranho é o seu silêncio durante todo o tempo. Só Cristo fala e tenta, de muitas formas, dirimir as dúvidas (Lc 24,38 e At 1,3).

A verdade é que Jesus ressuscitado continua humano, palpável, presente na história. A morte não roubou dele a humanidade, a materialidade, a realidade. Será mesmo? Ele está mudado, mas continua com o corpo de antes, ou seja, continua em sua encarnação. Pede para que toquem suas mãos e pés³, ou seja, que se aproximem do que fez com as “mãos” e com os “pés”. E aqui se trata de *mãos e pés* de um crucificado, de alguém que entregou sua vida pela causa do Pai.

Observemos que os discípulos não são iniciantes, são pessoas experimentadas no seguimento. Caminharam com Jesus *desde a Galiléia*. O que os leva a ficar assim? São as dificuldades do caminho, a falta de meta, ou a falta

³ É importante ressaltar que nem em Lc 24,39-41, nem em Jo 20,27-28, se diz que os discípulos tocaram Jesus. Ele os provocou, mas eles não precisaram chegar a tanto. O desafio de Jesus regenerou a fé deles?

de assumir o projeto de Jesus? Parece que o desafio está em aderir à pessoa de Jesus, se engajar no projeto do Pai e mergulhar no mistério de Deus. A dificuldade de tocar o mistério parece não ser um capricho de Deus, mas um preconceito humano. Não é suficiente que ele se apresente. É necessário que as pessoas se abram e acolham a presença dele.

Que reações temos nós, diante das diversas formas com que Jesus se apresenta hoje? O que mesmo pode nos libertar dos medos, das dúvidas, perturbações e falta de fé? Mateus nos dá uma importante ajuda em 25,31-46. Ali ele nos mostra que está presente no outro, no necessitado. Jesus morreu, mas ressuscitou e continua vivo, andando entre nós, mas não do jeito que queremos vê-lo. "*Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos*", diz Jesus ressuscitado ao enviar os discípulos (Mt 28,20).

Enquanto assim falavam.... (24,36) Lucas abre a terceira narrativa (24,36-53) ligando-a a Emaús. É exatamente na hora em que os dois estão falando sobre a experiência do reconhecimento no partir o pão que Jesus ressuscitado se apresenta no meio deles e, novamente, eles têm dificuldade de reconhecê-lo (24,36). A imagem do Ressuscitado surpreende os discípulos, quebra seus paradigmas e nunca se esgota. Quando pensam ter compreendido e reconhecido, ele vem diferente e, de novo, ficam assustados. Será que ele se transforma, fica diferente, cada vez que aparece ou são os discípulos que o esperam sempre do mesmo jeito? Será que nós também, como que cristalizamos nossas imagens de Jesus e por isso não o reconhecemos em suas múltiplas formas de se fazer presente?

Os discípulos de Emaús contam aos colegas que reconheceram o ressuscitado no partir do pão (24,35). Enquanto caminhavam com ele não se deram conta, não viram que era ele, mas quando partiu o pão, não tiveram dúvidas. Ele, no entanto, desapareceu. Isto pode ter um significado maior do que costumamos ver. Parece haver uma dimensão confusa no reconhecimento da imagem de Jesus. Os olhos não são os órgãos mais indicados para o reconhecimento. É suficiente ver com os olhos ou há vários modos de ver? Há quem diga que só se vê bem com o coração⁴. Mas aqui parece que só se vê bem na ação prática, na partilha gratuita e solidária, ou seja, quando se *toca as mãos e os pés* dele.

A paz esteja convosco (24,36b)! Exatamente na hora em que os dois partilham a experiência de Emaús, Jesus aparece ao núcleo da comunidade cristã com uma mensagem de paz (24,36). A saudação de paz merece algumas considerações, pois paz é o que está faltando neles, mas é, sobretudo, o conteúdo da missão de Jesus. A paz é uma característica lucana que vem de duas vertentes: A Pax Augusta dos romanos e o Shalom Hebraico do Primeiro Testamento.

⁴ Saint Exupéry, em o Pequeno Príncipe.

- **A Pax Augusta** ou paz Romana teve início com o governo de Cesar Augusto 29 a.C. e término com o reinado de Marco Aurélio em 180 d.C. Foi um período conhecido como de progresso, segurança e bem-estar, garantido pelo império Romano. O Império garantia proteção e segurança a todas as regiões administrativas por ele dominadas, respeitando as leis e costumes próprios de cada povo, desde que estes se submetessem às taxas e domínio militar romano. Jesus nasceu neste longo e famoso reinado iniciado por Cesar Augusto (Lc 2,1).

- **O Shalom Hebraico** não expressa somente a ausência de guerra ou de hostilidades, mas indica um estado de bondade e bem-estar que tem sua origem em Deus (vem de Deus). Nele estão incluídas a concórdia, a harmonia, a ordem, a segurança e a prosperidade⁵.

A paz se tornou a marca do reino messiânico esperado: *"Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, do que proclama as boas novas e anuncia a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina"* (Is 52,7). Lucas reflete esta noção nos lábios de Pedro. *"Pedro tomou a palavra e disse: Na verdade eu me dou conta de que Deus é imparcial e de que em toda nação, quem quer que o tema e pratique a justiça é acolhido por ele. A sua mensagem, ele envia aos israelitas: a boa nova da paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos os homens"* (At 10,36).

Lucas é o evangelista da paz⁶. Em poucas passagens de seus escritos, a paz de Jesus tem acento na ausência de guerra (Lc 11,21; 12,51; 14,32). Na maior parte, porém, paz é a bondade que ele e seus ministros trazem aos seres humanos⁷. A paz é proclamada pelos anjos (Lc 2,14). É uma característica do céu (Lc 19,38). Mas é também o que Jerusalém não compreende e rejeita (Lc 19,42).

Nos lábios de Jesus, a paz é associada à salvação: *"Jesus disse à mulher: a tua fé te salvou; vai em paz"* (Lc 7,50). *"Ele disse: minha filha, a tua fé te salvou: vai em paz"* (Lc 8,48). É também a missão dos discípulos: *"Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: Paz a esta casa! Se lá houver um filho da paz, a vossa paz repousará sobre ele: se não, voltará a vós"* (Lc 10,5-6). Aparece novamente nos lábios de Jesus quando ele se apresenta aos Onze e os demais no domingo de páscoa à noite: *"A paz esteja convosco"* (Lc 24,36).

O que tira a paz da VRC e o que pode devolvê-la? A paz que a VRC busca é a que Cristo dá ou é de outro teor? (Cf. Jo 14,27). Busca-se a paz do conforto e acomodação, ou a paz da solidariedade, da justiça, da doação em favor do outro?

⁵ Cf. Is 48,18; 54,10; Ez 34,25; Sl 29,11; 85,9-11; Jr 16,5; Nm 6,24-26.

⁶ Cf. Lc 1,79; 2,14.29; 7,50; 8,48; 10,5-6; 19,38.42; 24,36.

⁷ Cf. J. A. Fitzmayer, *The Gospel According to Luke*, vol I, Doubleday & Company, Garden City, New York, pg. 224-225.

II) A polêmica do corpo transformado.

Deslizando entre a fantasia e a realidade, Cristo ressuscitado desafia os discípulos a tocarem, olharem as mãos e os pés, o corpo, e pede algo para comer. O problema parece ser a dificuldade de entender o mistério da pessoa, morte e ressurreição de Jesus. Na mente deles a morte não podia constar, mas Jesus morreu. Morreu, mas não do jeito dos outros, pois ressuscitou. Isso os enche de espanto. Será que ainda não conseguiram se encantar com Jesus e seu projeto? Ainda não mergulharam no mistério da pessoa de Jesus? Existe um fio histórico traçado para o entendimento deste mistério. Está nas Escrituras, mas há resistências no seguimento desse fio. Não por falta de clareza de quem comunica, mas por falta de abertura de quem recebe.

Para acolher o novo é necessário esvaziar-se do antigo. Esse esvaziamento é um trabalho interior e depende muito do empenho da pessoa em redimensionar (conversão) seus paradigmas. O sofrimento, a dor, a morte não anulam a vida, não impedem a felicidade eterna. Mas isso parece conversa de fracassado, recurso de alienados. Hoje somos incentivados a fazer seguro de vida... É preciso mais, pois o seguro está no sentido capaz de nos levar além da própria vida. Esquecemos que só permanece o que tem a capacidade de se transformar.

Podemos mais uma vez nos perguntar: Como acolhemos o novo que sempre de novo nos surpreende? Buscamos novas imagens para serem vistas ou cultivamos novos olhos para vê-las? Não é possível ver o novo com mentalidade velha.

III) O enigma das Escrituras e a fração do pão.

Lucas parece insistir sobre dois pilares para o entendimento, acolhida e engajamento *do* e *no* ressuscitado: as Escrituras e a refeição. O que aconteceu com Jesus não é um absurdo ou milagre, mas faz parte de um projeto que tem começo, meio e fim. O anúncio da paixão também fazia parte do Evangelho de Jesus. Certamente os discípulos estavam mais fixados nos sermões que atraíam multidões, nas parábolas e nos milagres-sinais.

- ***Então abriu-lhes as mentes para que compreendessem as Escrituras...*** (24,45-47). Nas Escrituras encontra-se uma estreita associação entre palavra e alimento. Em Ezequiel 2,8-3,4 o profeta precisa ver e comer o livro para profetizar. Em Apocalipse 10,1.8-11 também o vidente precisa comer o livro para profetizar a todos os povos, nações, línguas e reis.

Cristo ressuscitado, nessa cena, à luz de sua ressurreição, reevoca para os discípulos o significado das palavras que lhes tem dirigido, com frequência, durante seu ministério. Tais palavras incluem, não somente o ensinamento e

parábolas, mas, sobretudo, o anúncio de sua paixão, morte e ressurreição⁸. Somente à luz da ressurreição as Escrituras podem ser entendidas e a missão assumida. Que lugar ocupam as Escrituras na VRC? Esse lugar é suficiente?

O Ressuscitado ativa a memória e tira o véu: As mulheres se lembraram (24,8). Os dois, em Emaús, abriram os olhos (24,31). A todos, reunidos em Jerusalém ele lhes abriu as Escrituras (24,45).

- **Tendes aqui algo para comer (24,41c)?** A fração do pão em Emaús 24,30 está bem mais evidente do que aqui. Trata-se de um termo técnico, normalmente usado por Lucas, para falar da eucaristia (24,35; At 2,24.46; 20,7-11; 27,35). A *refeição-ceia* é espaço privilegiado do conhecimento e do reconhecimento, do encontro e da partilha. Lá ele é reconhecido ao partir o pão (Lc 24,30-31), desaparecendo em seguida. Aqui ele se faz reconhecido, acaba com as dúvidas dos discípulos ao comer o peixe (24,41-43), permanecendo com eles até o envio final.

- **Ofereceram-lhe um pedaço de peixe assado. Ele tomou e comeu a vista deles** (24,42-43). A comida do pedaço de peixe acaba com a fantasia e comprova a realidade. Os discípulos viram Jesus, mas pesavam estar vendo um fantasma-espírito. Desfazer a confusão dos discípulos é urgente. A comida tem que ser imediata, por isso a pergunta: *tendes aqui?* Mas comida imediata é sobra. Isso pode dar a entender que eles cearam sem Jesus. Jesus chegou depois. Para quem chega depois resta a sobra. A quem normalmente são dadas as sobras? Lembremos que em todas as narrativas de multiplicação de pães Jesus sempre manda recolher as sobras⁹. Aqui a sobra vai para ele, com ela espantam-se os fantasmas. De que se alimentam os fantasmas e quem os alimenta?

Por que Jesus provaria sua ressurreição ao comer a sobra de peixe dada pelos discípulos? Que iluminação ou provocação isso pode nos oferecer? Como tratamos as sobras de nossas casas? Que destino lhes damos?

IV) A missão (24,46-48).

Jerusalém, que foi a meta da marcha da missão de Jesus (9,51), agora se torna ponto de partida da missão dos seguidores dele, uma vez que a palavra deve ser espalhada por toda a terra (At 1,8). A pregação se faz em nome de Jesus. O foco é a conversão para o perdão dos pecados. Conversão é a mudança de mentalidade, de paradigma, de foco. Os destinatários são todas as nações.

O episódio pertence realmente à literatura lucana e tem paralelos com outras partes da tradição evangélica (Mt 28,19-20 e Mc 16,15-16). Em Lucas (24,47-49) o tema quer acentuar a primeira tradição a respeito da aparição do

⁸ Cf. 9,22.44; 17,25; 18,31-33; 22,37.

⁹ Mc 6,43; 8,8; Mt 14,20; 15,37; Lc 9,17; Jo 6,12-13.

ressuscitado e da delegação, do envio dos discípulos em seu nome. Mas cada evangelista tem suas próprias nuances teológicas. em Marcos é pregar o evangelho por todo o mundo e para toda criatura (16,15). Em Mateus é fazer discípulos em todas as nações (28,19). Enquanto em Mateus e Marcos o acento do envio está na pregação e no sacramento do Batismo, em Lucas o foco é a reconciliação e o testemunho a todas as nações (24,47-48).

5 – O conteúdo da missão: conversão e perdão.

- **E em seu nome se pregará... (24,47).** O nome é termo frequente em todo o Segundo Testamento (228 vezes). Mas, em Lucas, especialmente, parece que os discípulos obedeceram à ordem de Jesus¹⁰. Jesus é o nome anunciado pelo anjo (Lc 1,31) e dado pelos pais (2,21). Agora é o nome pelo qual os discípulos testemunham a salvação. O mesmo acontece com o termo *nações*. O caminho dos discípulos, em Atos dos Apóstolos, é rumo às nações¹¹. Isso mostra que eles levam a sério a missão confiada.

- **A conversão para.... (24,47).** *Conversão e perdão, ou conversão para o perdão?* Em Lucas encontramos as duas fórmulas: João Batista prega *um batismo de conversão para o perdão dos pecados* (Lc 3,3). Jesus, na casa de Levi diz: *eu não vim chamar justos, mas os pecadores para que se convertam e vivam* (Lc 5,32). Os dois textos parecem equivaler-se. Em 15,7 parece confirmar esta tendência: *Haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converta do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão.*

Lucas privilegia a metanoia=conversão¹². Esta é a meta anunciada pelo Batista (Lc 3,3.8), confirmada e levada avante por Jesus (Lc 5,32), tratada de modo muito particular no capítulo quinze de Lucas (Lc 15,7) e, finalmente, confiada aos discípulos (24,47). Mas a conversão é para o perdão dos pecados.

- **O perdão dos pecados... (24,47).** Perdão=*aphesis* foi inicialmente usado no sentido econômico: saldar dívidas (Lv 16,27 e Dt 15,1). No mundo grego "*aphesis*" é frequentemente usado no sentido de perdão de dívidas ou punições, e resgate do cativo (escravo ou preso). O uso desta palavra em relação ao perdão dos pecados é do judaísmo do Primeiro Testamento. Perdão é termo preferido de Lucas.

Em Lucas o perdão dos pecados começa com o cântico de Zacarias (1,77) segue com a pregação de João Batista (3,3). Faz parte da missão de Jesus (4,18; 5,31-32). Missão que é passada aos discípulos (24,47) e continuada por eles no discurso de Pedro (At 2,38; 5,31 e 10,43) e no discurso de Paulo (13,38 e

¹⁰ Cf. At 2,21.38; 3,6; 7,10.18.30; 5,40; 8,12.16; 9,27.28; 10,48; 15,26; 16,18; 19,5.13.17; 21,13; 26,9.

¹¹ Cf. At 2,5; 4,25.27; 7,7.45; 8,9; 9,15; 10,22.35.45; 11,1.18; 13,19.46.47.48; 14,2.5.16.27; 15,3.7.12.14.17.19.23; 17,26; 18,6; 21,11.19.21.25; 22,21; 24,2.10.17; 26,4.17.20.23; 28,19.28.

¹² Cf. Lc 3,3.8; 5,32; 15,7; 24,47; At 5,31; 11,18; 13,24; 19,4; 20,21; 26,20.

26,18). Eles, de fato, pregam a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações¹³.

Por sua vez o verbo grego "*aphiemi*", traduzido por *perdoar-libertar* é eminentemente evangélico¹⁴. Fora das narrativas do evangelho, ocorrem apenas dezesseis vezes¹⁵. Isso merece atenção, uma vez que, segundo Lucas 24,47, o *perdoar-libertar* está no centro da missão de Jesus e da missão confiada por ele a seus discípulos¹⁶.

6 – Testemunhar com poder

Finalmente, é preciso observar que a instrução e missão dadas por Cristo, neste evangelho, acontecem na noite seguinte à descoberta do túmulo vazio. O foco mudou e mudou radicalmente. O tempo de correr atrás dos sinais de Jesus acabou. Agora é tempo dos discípulos e discípulas tornarem-se, pelo Espírito, sinais de Jesus ressuscitado. As mulheres focaram o túmulo, mas estava vazio. Os de Emaús focaram a casa, mas ela não comporta a missão. Agora os Onze, com os demais, são chamados a testemunhar uma história de transformação da vida, que pode transformar o mundo. Não estaria aqui o segredo desta construção paralela de Lucas? Os discípulos de Emaús chegaram ao reconhecimento de Jesus na fração do pão e retornaram à Jerusalém, ou seja, partilharam sua experiência com os que eram do seu grupo. Na narrativa seguinte, Jesus, após o encontro com os discípulos, os envia em missão a todas as nações.

- ***E vós sois testemunhas disso*** (24,48)! É necessário testemunhar o mistério de Cristo inteiro, não apenas as partes que nos agradam, com a desculpa de que é o que damos conta. Somos testemunhas de todo o mistério (Cf. Jo 15,27 e At 1,8). Segundo At 1,22, a razão de Matias ser escolhido para completar o grupo dos Doze, em lugar de Judas Iscariotes, é testemunhar a ressurreição. Mas a condição necessária para testemunhar a ressurreição é: *acompanhado o tempo em que o Senhor Jesus caminhou "à nossa frente", começando pelo batismo de João, até o dia em que ele foi arrebatado* (At 1,21-22). Portanto, para testemunhar a ressurreição é necessário conhecer, assumir, crer na encarnação. É necessário ter a experiência pessoal de Jesus, aderir ao seu projeto por inteiro.

- ***Quanto a vós permaneçei na cidade até que sejais revestidos pelo poder do alto...*** (24,49). A *dynamis*=poder é parte do Plano da salvação

¹³ Cf. J. A. Fitzmyer, op. Cit. Vol I, p. 223-224.

¹⁴ Ocorre neles 126 vezes (31 no evangelho de Lucas e 3 em Atos)

¹⁵ At 5,38; 8,22; 14,17; Rm 1,27; 4,7; 1 Cor 7,11.12.13; Hb 2,8; 6,1; Tg 5,15; 1 Jo 1,9; 2,12; Ap 2,4.20; 11,9.

¹⁶ Jesus chama os discípulos, vai para a sinagoga e de lá para a casa de Pedro onde liberta a sogra (4,39) ação que continua até o final do evangelho¹⁶, onde ele perdoa=liberta os que o colocaram na cruz (23,34) e dá o paraíso ao ladrão arrependido (23,43).

histórica do Pai. Por isso os discípulos têm que esperar em Jerusalém até serem investidos com o poder que vem do alto, pois Jerusalém é o ponto de partida da Palavra. Os discípulos não farão seu próprio caminho. O mandato de Cristo comporta uma graça, mas é também uma missão autorizada, investida com a força do alto. A palavra *dynamis* aparece enfaticamente no fim do verso chamando a atenção para o leitor do Evangelho de Lucas. Foi assim com Jesus depois da tentação do deserto (4,14) e no exercício da missão (5,17; 6,19). Agora é para os discípulos (24,49) e continua na missão pós-pascal (At 2,32-33). É a força do alto que vai dar coragem a Pedro e aos demais para falar (At 2,29; 4,13.29.31). Só depois, em Atos dos Apóstolos 1,5 eles vão saber que essa força=*dynamis* é o Espírito Santo.

Há um poder que Deus coloca na gente, na hora em que somos concebidos/as, que chamamos de *dom*. Há outro poder que recebemos, em função da missão que assumimos, o qual chamamos *graça de estado*. Para agir, tanto um quanto outro, necessita de nossa acolhida e entrega.

O que estamos fazendo com o poder do alto concedido a VRC? Não estamos preocupados demais com o nosso reino (sobrevivência) em vez de ocuparmo-nos da missão dele? É na missão dele que reside a nossa sobrevivência, nossa razão de ser.

7 – O que não funcionou em Emaús?

Em Lc 24,4 as mulheres são surpreendidas com a aparição de dois homens (de outro mundo) com roupas resplandecentes. Eles iluminam o mistério que elas tentam entender. Em 24,15 Jesus se aproxima dos dois que discutem pelo caminho, mas eles o tomam por *paroikeo*, isto é, estrangeiro (forasteiro). Espantam-se de como o caminhante que os alcança está por fora dos acontecimentos (24,18). Mas apresentam com clareza sua dificuldade: *Nós esperávamos que ele seria o que devia libertar Israel* (24,21).

Aqui, em 24,37, o grupo reunido em Jerusalém pensa estar vendo um espírito (fantasma). Jesus pede para ser tocado e alimentado para que a confusão deles seja desfeita. Finalmente, em 24,47-48, ficam sabendo que tem a missão de testemunhar, em nome de Jesus, a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações (estranhos, forasteiros, outros). Mas o problema não termina aqui. É que Jesus ainda não fez o que eles esperavam. Então, no último momento cobram: *Senhor será agora o tempo em que vais restabelecer o Reino de Israel* (At 1,6)?